

O presidente sempre precisa do Congresso

Seria um exagero dizer que o governo não precisa mais deste Congresso e, encerrado o episódio do veto ao projeto de lei salarial, a ele só importa o futuro Congresso, o que emergirá das urnas. A coisa não é bem assim, pois o governo sempre precisa do Congresso ainda que em final de legislatura pois ainda potencialmente convocável e mobilizável para exercer a qualquer momento sua parte no poder da República. Por outro lado o Congresso a vir não será tão novo quanto se pensa ou tão novo quanto seria desejável. Será no fundo o mesmo Congresso, seja pela sobrevivência eleitoral de centenas de seus membros seja pela identificação das sucessivas gerações de políticos que se em alguma coisa diferem não terá sido por melhorar a instituição, antes pelo contrário. Ao atual Congresso seria portanto devido também o tributo a render-se ao permanente, aquele que subjaz na transferência do velho para o novo. Em dúvida homenageia-se a instituição.

O governo certamente deve ainda preocupar-se com este Congresso em si, pois a vitória que obteve, com a manutenção do veto, foi apenas técnica. Na realidade, deputados e senadores, por larga



maioria e independentemente de filiação partidária, disseram um “não” à política do presidente da República. Avaliar as razões que determinaram esse ato político é tarefa das lideranças

que nem sempre têm revelado o nível de competência requerida para o exercício dela. Impõe-se no entanto uma observação: nem sempre foi a melhor razão que estava por detrás do voto do parlamentar. Nem todos rejeitaram o veto por tentar impor correções ao Plano econômico-financeiro para resguardar o mínimo de estabilidade aos setores mais carentes do operariado.

Muitos votaram contra o governo pelo motivo sazonal da véspera da eleição ou apenas pela razão pessoal de demonstrar seu descontentamento com esse ou aquele ministro que não lhe deu a atenção a que se julga com direito ou lhe desatendeu o pedido para beneficiar a clientela. Se isso ocorreu, como registram alguns jornais, é claro que o fato indica que o erro não terá sido do governo, que tem publicamente se proposto a desestimular o fisiologismo político. Tal voto não diz bem de quem o pôs na urna. Demonstra apenas que o governo afinal está acertando.